

## Análise keirseyaniana de clássicos cristãos e chineses

Jean Lauand<sup>1</sup>  
Enio Starosky<sup>2</sup>  
Sylvio Horta<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo dá continuidade a um anterior: “A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas”, publicado nesta mesma revista (RIH 38, 2016). Os tipos psicológicos de Keirsey são aqui aplicados a Bento de Núrsia, a Francisco de Assis, ao apóstolo João e a seus estilos religiosos.

**Palavras Chave:** David Keirsey. tipos de temperamento. São Bento. São Francisco de Assis. São João. Confúcio. Lao Tsé.

**Abstract:** This article continues the analysis of “A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas” in this same journal (RIH 38, 2016). St. Benedict and St. Francis of Assisi are considered under the light of Kersey’s types.

**Keywords:** David Keirsey. temperament types. religion. St. Benedict. St. Francis of Assisi. St. John. Confucius. Lao Tsé.

### 1. Introdução – Tipos e a tipologia de Keirsey

Como se sabe, o psicólogo norteamericano David Keirsey (1921-2013, a partir de agora abreviado por DK) propôs – fundamentalmente em duas de suas obras: *Please Understand Me I e II*; Kersey (1984) e Keirsey (1988) – uma importante tipologia de temperamentos, fundamentada em preferências em torno de quatro pares de fatores: E/I; S/N; F/T; J/P (estabelecidos por Jung e complementados por Myers-Briggs) que DK agrupa em 4 tipos de temperamentos SP, SJ, NF e NT; daí decorrendo, a partir da combinatória dos complementos, 16 tipos mais concretos: ISTJ, ISFP, ENFJ etc. Uma boa apresentação em português dessa teoria (e dos significados das letras abreviadoras) está em LAUAND, J. Sérgio (2014)

Desnecessário dizer que o uso que faremos dessas preferências está sujeito às ressalvas metodológicas próprias de qualquer abordagem tipológica: seu caráter caricato (no sentido de “carregado”); admitir a mistura de fatores opostos dentro de um mesmo sujeito (que pode ser, por exemplo, em alguma medida *S* e *N* ao mesmo tempo e não necessariamente um tipo puro *S* ou *N*); neutralidade ética e valorativa dos diversos tipos (um tipo não é “melhor” do que o outro); e sobretudo não confundir o tipo com conceitos e menos ainda com a realidade etc. Tendo em conta, sobretudo, que o tipo psicológico é só **um** fator para a compreensão do indivíduo; ao lado de tantos outros fatores: gênero, classe social, família (p. ex. pai tirano ou ausente), geração, etc. etc. etc.

---

<sup>1</sup>. Prof. Titular Sênior da FEUSP e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br. Autor das partes 3 e 4.

<sup>2</sup>. Mestre em Educação pela Univ. Metodista de São Paulo e doutorando em Ciências da Religião nessa universidade. Autor da parte 5, referente ao apóstolo João, originalmente apresentada em maio de 2017 como seminário da disciplina “Religião, sociedade e mundo bíblico”, ministrada pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Garcia no PPGCR da UMEP.

<sup>3</sup>. Coordenador da Área de Chinês da FFLCHUSP. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Autor da parte 6.

A própria linguagem comum já nos ensina algo sobre os tipos e previne contra sua absolutização: em espanhol, “*tipo* (ou *tío*)” é qualquer pessoa, equivalente ao nosso “cara”; afinal, ninguém é tão original que não se encaixe em algum tipo... Já a relativamente recente gíria “tipo” (ou “tipo assim”) indica imprecisão, inexatidão: “500 francos suíços, sei lá, acho que é tipo 1500 ou 2000 reais”. “Tipo” serve também como eufemismo para o inautêntico ou *Ersatz*: um salame “tipo” italiano é **não** italiano, mas de Pirituba mesmo. E a “baiana típica” não existe senão para marcar presença em banca de acarajé ou para figurar em selfies de turistas...

## 2. Fator S x fator N

A valiosa contribuição de DK não está em dar nomes para batizar os tipos, talvez uma tentativa de deixar sua marca nos estudos de tipos psicológicos: em nossas aulas, procuramos evitar esses nomes, pois podem antes, em alguma medida, desorientar os alunos: por exemplo o *Champion* (ENFP) nos remete mais ao futebol do que a um El Cid ou cavaleiro medieval; e seriam necessárias muitas explicações se assumíssemos *Teacher* como o ENFJ, quando o próprio DK insiste em que a maioria dos professores da Educação Básica são SJ...

A verdadeira contribuição de DK está em agrupar os 16 tipos em torno a 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT. E na centralização do par S/N para a constituição dos temperamentos.

S (de *Sensible*) é a preferência de ater-se aos fatos, ao que se dá aí diante dos olhos, ao realismo do pássaro na mão, sem devaneios, sem “viajar” na imaginação...

Já o N (de *iNtuition*) vê os fatos como possibilidades futuras, de busca do sentido humano e do *self* (NF) ou das construções científicas / tecnológicas ou estruturas lógicas (NT). Para o N de um NF e sua sensibilidade para o humano parecem perfeitamente normais os versos de Adélia Prado (2016, p. 146):

De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra, vejo pedra mesmo.

Já para os S é difícil compreender que só “por exceção” a pedra seja pedra... Jean Anouilh joga com a oposição S x N na peça “A Cotovia”. Nela a jovem Joana D’Arc, que Keirsey apresenta como protótipo dos INFP – o idealista entre os idealistas (1990, p. 201), naturalmente o tipo mais apropriado para experiências místicas – ouve vozes que a convocam a salvar a França. Seu pai, na peça radicalmente S, reage espancando-a e proferindo a sentença que se tornou proverbial na oposição S x N:

Sauver la France? Sauver la France? Et qui gardera mes vaches pendant ce temps-là?

Nessa mesma linha de confronto NF x S, recordo<sup>4</sup> um caso (uma piada ou talvez *una anécdota*, nunca esclareci se ocorreu realmente) que me foi contada, há mais de trinta anos, por um ilustre pesquisador, sábio beneditino, ISTJ, S ao extremo:

Uma vez “fui”<sup>5</sup> celebrar missa para freiras jovens, neuróticas, e fiquei para almoçar:

---

<sup>4</sup>. Passagem de autoria de JL.

- Irmã, poderia passar o pão?
- O pão... o trigo que se encontrava disperso pelo campo e que se deixou triturar, morrer para si mesmo, para transformar-se em pão que se dá em comunhão para os irmãos...!
- (dá de ombros em perplexidade) – Irmã, poderia passar o vinho?
- O vinho... que representa o sangue do Cordeiro (...)!  
(O azeite... bálsamo da unção do Messias...)
- Aí eu aponte para uma berinjela e quase falei: - Irmã, poderia me passar o saco do São Benedito?

É, tipicamente, a oposição entre o SJ, o beneditino da Regra e, digamos, o NF do jardim das almas, com suas rosas e florezinhas campestres de uma carmelita como Santa Teresinha. Aliás, quem procurar no Google “mística carmelita” ou “poesia carmelita” verá que os resultados superam em muito os inexpressivos “mística beneditina” / “poesia beneditina”. Já “beneditino” é, na linguagem popular, campeão em paciência (“paciência beneditina”), que Houaiss dicionariza: “aquele que se devota incansavelmente a trabalho metuculoso”.

### 3. O beneditino, ISTJ – evocação de um sábio monge.

Feitas todas as ressalvas ao procedimento tipológico, é necessário acrescentar que cada indivíduo, por mais que possa se enquadrar em um determinado tipo psicológico, mantém sua individualidade, na qual ocupam seu lugar os fatores complementares (em um sujeito no qual predomine fortemente, digamos, o T, sempre tem, em alguma medida, o F; como um jogador destro de vez em quando deve chutar com a esquerda...) e outras características que transcendem o âmbito dos tipos: sempre insisto em que se há, por exemplo, grandiosidade (e generosidade etc.) todos os tipos são deliciosos e trazem importante contribuição específica para o convívio.

No começo dos anos 80, duas razões me levaram a procurar o Dr. D. João Mehlmann, um ilustre beneditino do Mosteiro de São Bento: eu estava elaborando meu doutorado sobre o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper e – segunda razão – eu tinha sido encarregado de lecionar Idade Média na Feusp (naqueles saudosos tempos, a História da Educação Medieval, disciplina obrigatória, ocupava um semestre inteiro de 4h/aula por semana!!) e, nos dois casos, sua ajuda foi decisiva: o mosteiro dispunha de livros e artigos de revistas raros e antigos sobre Pieper (que ninguém mais no Brasil possuía) e para um jovem de 30 anos (na época, os estudos medievais eram incipientes entre nós) era imprescindível a ajuda de um mestre como D. João.

Evoco a sua figura pois é muito melhor do ponto de vista didático nos atermos ao concreto – não por acaso *enseñar* em espanhol significa também mostrar – no caso, uma figura emblemática do ideal de São Bento, com a qual tive o privilégio de frequente convívio ao longo de seis anos (ele veio a falecer em 30-12-1988), com longas conversas ao menos uma vez por mês, além de inúmeras consultas telefônicas. Para as recordações que se seguem, recorrerei ao artigo em homenagem a Dom João, que publiquei no Estadão (Lauand 1988) e a entrevista que concedi a Roberto Castro (2009).

---

<sup>5</sup>. No ambiente piadista, a primeira pessoa faz parte do recurso lúdico de dar realismo: o narrador, Dom João Mehlmann, monge exemplar, seria incapaz de qualquer grosseria ou atitude minimamente indecorosa. Mas, como diz Keirse, um ISTJ, se se encontra só com homens amigos pode permitir-se “expressar-se de modo distinto do que o que usa normalmente” (1990, p. 218).

Dom João, monge exemplar, era além do mais um erudito incomparável, especializado em Padres da Igreja e Sagrada Escritura, com domínio absoluto das línguas e uma imensa bagagem de leituras em sua memória prodigiosa; conhecimentos generosamente ao dispor dos amigos que frequentavam sua cela no mosteiro. Com uma perna amputada, preso a uma cadeira de rodas, dedicava-se em tempo integral ao estudo e a um incrível “banco de dados” pessoal (naquele tempo não havia internet e nem PCs) com milhares e milhares de fichas.

Na verdade, em certos aspectos, D. João superava o Google. Lembro-me que um dia telefonei para ele porque queria saber quem era o autor do hino medieval *Ave verum*. Dom João respondeu: “Qual dos *Ave verum*?” Eu, que nem sabia que havia outros, precisei: “*Ave verum corpus natum*”. Ele disse que não sabia. Eu estranhei muito: como ele não sabe, se ele sabe tudo? Ele continuou: “Ninguém sabe. O primeiro manuscrito, do século XIV, é anônimo; outro manuscrito...”. E me falou a relação completa dos manuscritos do *Ave verum corpus natum*.

Suas raras saídas limitavam-se a uma ou outra conferência na USP ou a participação em bancas também na USP, como a de meu doutorado em 1986. Sempre que uma tese envolvia assuntos de antiguidade para os quais não havia especialistas, D. João era convocado. Entre os interlocutores que o visitavam no mosteiro, recordo os professores da USP: Ruy Afonso da Costa Nunes, Isaac Nicolau Salum, Nachmann Falbel e Helmi Nasr.

A história da educação e da cultura medievais, confunde-se, em boa medida, com a da Ordem e 529, o ano de fundação do mosteiro de Monte Cassino, é considerado por muitos historiadores (como Pieper) o início da Idade Média, e o período que vai até o século XI é chamado de “era beneditina”.

Em todos os semestres, até seu falecimento, “aproveitando-me” do fato de sua condição de cadeirante, para que as turmas (de 60 alunos) pudessem ter uma conferência com o especialista, em vez de levar Dom João para a USP, eu levava os alunos ao São Bento (o Colégio, ao lado do Mosteiro) e eles tinham a oportunidade de ter acesso a – mais do que aos conhecimentos do palestrante na conferência, mero pretexto – um autêntico monge medieval, ao puro espírito de São Bento. A aula terminava pouco antes dos Ofícios de Vésperas e os alunos que quisessem dirigiam-se à Igreja de São Bento para acompanhar a Liturgia das Horas em latim e com canto gregoriano. Todo um laboratório de cultura medieval, especialmente o monge.

O que mais impressionava aquelas jovens alunas era o monge em seu *contemptus mundi*, imerso em São Jerônimo e Orígenes e totalmente alheio às incidências mundanas do mundo moderno. Um dia, levei para ele revisar os originais de um livro que tinha escrito. Como sempre, buscava aproximar a filosofia e a educação medieval da cultura contemporânea e mencionei um verso de Caetano: “Por isso uma força me leva a cantar” (da então, ainda recente, canção “Força Estranha”). Dom João leu, disse que estava bom, mas fez uma ressalva: “Caetano nunca disse isso”. Estranhei e perguntei a qual Caetano ele se referia. Ele respondeu: “O cardeal Caetano, do século XVI, ora. Que outro Caetano há”? Do alto dos 1500 anos de sua Ordem, um dia explicou por que não se dedicava a aprofundar no marxismo. Ele disse: “Quando eu era jovem, Pio XI disse que o marxismo era errado. Se está errado, pensei, não vai durar mais que 300 ou 400 anos. Não vale a pena estudar”.

Dom João, como bom SJ, prezava as distinções institucionais da Ordem, como a utilização do “Dom” – privilégio de bispos – por monges beneditinos. Uma vez, nossa conversa em sua cela foi interrompida por um monge que lhe trouxe a bandeja do almoço. “– Obrigado Valdisnei [nome “aproximado”]”. Quando o confrade saiu, ele confidenciou-me em voz baixa: “Antigamente, entravam para a Ordem e se tornavam Dom – Dom Clemente, Dom Basílio, Dom Irineu – mas *agora* eles

continuam Valdisnei mesmo”. O seu “agora” resumia as recentes mudanças na Igreja e na Ordem, com a – a seu ver – consequente decadência. O rigor do estilo da Ordem teria o poder de transformar “eles” (os menos dotados social e intelectualmente) e elevá-los a uma maior estatura. Claro que, para Dom João, o “agora” incluía novas teologias que, no fundo – em seu acentuado lado S – simplesmente escondiam desordenados desejos carnaís.

São Bento e os SJ: a Regra, os horários (entre tantas outras contribuições, S. Bento “inventou” horários, sagrados para seus monges), o eterno (em oposição ao efêmero), o voto de *stabilitas loci* (o monge beneditino, via de Regra, deve permanecer em seu mosteiro) etc. Uma vez perguntei a Dom João por que o Mosteiro de São Bento está em um dos pontos mais centrais e ruidosos da cidade, quando o previsto é o ermo e o silêncio. “- Nós estamos aqui desde o século XVI; o barulho veio depois...”.

Se tinha momentos de humor e divertia-se com piadas, no entanto, ele mantinha o rigor. Pouco antes de ele morrer, fui visitá-lo no mosteiro e ele me mostrou uma foto que tirara para o obituário, com aspecto muito grave. Comentei que a foto não combinava com seu bom humor. E ele justificou o semblante grave na foto assim: “Eu sou um monge”. Dom João, muito inteligente, sabia ser flexível em coisas de menor importância: certa vez acompanhou-me à Biblioteca do Mosteiro, próxima à sua cela, para emprestar-me um livro (o que não era permitido) raro de Boécio e quando eu apanhei o grosso volume e já ia empurrar sua cadeira de rodas de volta para a cela, ele falou-me energicamente: “- Ô, camufla!”. “- ?!??”. Ele apontou-me o vazio deixado pelo Boécio na estante e fez o gesto de juntar os livros remanescentes...

Não esqueçamos que S. Bento fundou sua Ordem em tempos difíceis: o Império Romano no Ocidente foi extinto e assolado por bárbaros (em um primeiro momento ainda não convertidos ao cristianismo e ao catolicismo) e a ideia era a de preservar valores espirituais no espaço sagrado do mosteiro, que mesmo os bárbaros, em geral, respeitavam – daí que, em inglês, até hoje, o espaço inviolável (de asilo político ou reserva ecológica) seja *sanctuary*.

Em tempos de “novos bárbaros” e considerando-se fiador da verdade, não é de estranhar que o (acentuadamente) ISTJ Joseph Ratzinger, tenha elegido para si o nome de Bento XVI, inspirando-se em Bento (padroeiro da Europa e, para Ratzinger, até mesmo fundador da Europa), em seu projeto de reconversão do continente.

### ***São Bento de Núrsia***

#### ***Queridos irmãos e irmãs!***

Gostaria hoje de falar de São Bento, Fundador do monaquismo ocidental, e também Padroeiro do meu pontificado. (...)

São Bento de Núrsia com a sua vida e a sua obra exerceu uma influência fundamental sobre o desenvolvimento da civilização e da cultura europeia. (...) O contexto geral do seu tempo: entre os séculos V e VI o mundo estava envolvido por uma tremenda crise de valores e de instituições, causada pela queda do Império Romano, pela invasão dos novos povos e pela decadência dos costumes. Com a apresentação de São Bento como "astro luminoso", [seu biógrafo e quase contemporâneo, o papa] Gregório queria indicar nesta situação atormentada, precisamente aqui nesta cidade de Roma, a saída da "noite escura da história" (cf. João Paulo II, *Insegnamenti*, II/1, 1979, p. 1158). De facto, a obra do Santo e, de modo particular, a sua *Regra* revelaram-se portadoras de um autêntico fermento espiritual, que mudou no decorrer dos séculos, muito além dos confins da sua Pátria e do seu tempo, o

rosto da Europa, suscitando depois da queda da unidade política criada pelo império romano uma nova unidade espiritual e cultural, a da fé cristã partilhada pelos povos do continente. Surgiu precisamente assim a realidade à qual nós chamamos "Europa". (...) Na prática da obediência realizada com uma fé animada pelo amor (Regra 5, 2), o monge conquista a humildade (5, 1), à qual a Regra dedica um capítulo inteiro (7). Desta forma o homem torna-se cada vez mais conforme com Cristo e alcança a verdadeira auto-realização como criatura à imagem e semelhança de Deus. (...) Paulo VI, proclamando a 24 de Outubro de 1964 São Bento Padroeiro da Europa, pretendeu reconhecer a obra maravilhosa desempenhada pelo Santo mediante a *Regra* para a formação da civilização e da cultura europeia. Hoje a Europa que acabou de sair de um século profundamente ferido por duas guerras mundiais e depois do desmoronamento das grandes ideologias que se revelaram como trágicas utopias está em busca da própria identidade. Para criar uma unidade nova e duradoura, são sem dúvida importantes os instrumentos políticos, económicos e jurídicos, mas é preciso também suscitar uma renovação ética e espiritual que se inspire nas raízes cristãs do Continente, porque de outra forma não se pode reconstruir a Europa. (...) Procurando o verdadeiro progresso, ouvimos também hoje a *Regra* de São Bento como uma luz para o nosso caminho. O grande monge permanece um verdadeiro mestre em cuja escola podemos aprender a arte de viver o humanismo verdadeiro. (Bento XVI, 2008)

O que ressalta é a afinidade dos SJ – e particularmente dos ISTJ – com o carisma beneditino. Keirsey diz que os ISTJ são “os guardiões das instituições tradicionais” (1990, p. 216), ficam “muito inquietos com a ideia de que as instituições estão em perigo de ruir” (1990, p. 216), “transmitem uma mensagem de formalidade e estabilidade” (1990, p. 217), primam “pela paciência em seu trabalho” (1990, p. 217), são os mais sérios e detalhistas em inspecionar se está tudo em ordem na instituição (1988, p. 107), especialmente “preocupados com moralidade” (1988, p. 107), são confiáveis, voltados para o passado, prezam autoridade e *belonging* (1988, p. 107), “tendem a se envolver em organizações de serviço à comunidade que transmitam valores tradicionais aos jovens, tais como Escola Dominical, Escoteiros etc. (1988, p. 108). Etc.

#### 4. Francisco de Assis, o ISFP, e os franciscanos.

Antes de falar de São Francisco como ISFP, é importante rever brevemente as preferências F / T; para isso tomo a liberdade de copiar um par de parágrafos do referido artigo anterior.

F / T referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, em contraposição a uma preferência T (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal, o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão.

Essa diferença é bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margaret Thatcher, a dama de ferro, a dama T. Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”.

Evidentemente, para as religiões – e para a vida em geral – são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

As diferenças entre as preferências F e T na religião tornam-se imediatamente claras quando cotejamos as figuras de Bento XVI e do Papa Francisco.

Se o acentuado fator T de Thatcher a levou a ser apelidada de “Iron Lady”, pela mesma característica Joseph Ratzinger o foi de “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Se Bento XVI manifestava o fator T, Francisco (já na escolha do próprio nome) insiste no fator F, é o papa da compreensão e da bondade, da misericórdia – e no recente Ano da Misericórdia abriu muitas possibilidades nesse sentido –, mas que sabe ser duro e intransigente no combate à corrupção e às disfunções da Cúria Romana, como quando lançou seu mote de reforma: “mais profecia e menos burocracia”.

O SP, embora compartilhe com o SJ o fator S, é-lhe notadamente oposto.

Se o SJ é tipicamente voltado para o dever, a seriedade e a responsabilidade; preza a ordem, a hierarquia, as instituições e a organização; o SP é voltado para a ação impulsiva, preza a liberdade, a independência, a alegria e o lúdico e não liga muito para hierarquias e instituições. Tipicamente, se o SP queixa-se da quadradice do SJ (o chato de galocha); o SJ queixa-se do SP, como uma vez ouvi em um diálogo desses dois S: “Pôxa, parece que para você as regras e leis foram feitas para serem infringidas...”

O realismo do SJ, sua experiência, pode tender ao pessimismo, como em *Os Lusíadas* o Velho do Restelo, “c’um saber só de experiências feito” (IV, 94), maldizendo e denunciando as escusas motivações da expedição; enquanto o SP Vasco da Gama, movido por impulso de aventura (o famoso “navegar é preciso” refere-se precisamente ao imperioso impulso dos SP), ordena o embarque sem despedidas, sem olhar para o choro das mães e esposas na praia: “por não mudarmos do propósito firme começado” (IV, 93).

Keirsey coloca São Francisco de Assis como claramente ISFP (Keirsey 1990, p. 235) e efetivamente as características desse tipo realizam-se no *Poverello*.

“Embora todos os SP sejam artesãos por natureza, não praticam sua habilidade com a mesma devoção à graça e ao adorno como o ISFP. Por alguma razão o ISFP parece mais inclinado às ‘belas artes’ do que os outros SP” (Keirsey 1990, p. 233). “São tão hedonistas e impulsivos como os demais SP (...) não planejam nem preparam. Submersão na sua arte não é preparação para algo que farão mais tarde; é antes o experimentar intensamente esse momento. Os ISFP não esperam, porque esperar é ver seu impulso murchar e morrer” (1990, p. 234).

Pela sua ligação com o concreto específico (cor, no caso do pintor; som, no do músico; etc.) o ISFP é quem está mais fortemente ligado à realidade (no caso do ISTP, temos a mediação de algum instrumento ou ferramenta). Sendo “de longe o mais amável e gentil de todos os tipos, sem competidores próximos” (1990, p. 235), o ISFP é o tipo mais sensível à dor e ao sofrimento alheio. Há um parágrafo de Keirsey (1990, p. 236) que é obrigatório, por evidenciar o temperamento de São Francisco:

Podemos hallar en muchos ISFP un deseo instintivo por la naturaleza, lo pastoral y lo bucólico. Se sienten en casa cuando se encuentran en medio de la naturaleza y esta parece darles la bienvenida. Algunos saben tratar de un modo especial a los animales, incluso a los animales salvajes. Parece como si hubiera un lazo común de mutua simpatía y confianza. En algunos casos, ese mismo lazo aparece entre los ISFP y los niños pequeños de un modo instantáneo sin planearse.

O que vimos sobre os SP e, em particular, sobre o ISFP, relaciona-se com São Francisco. Se o SJ São Bento foi glorioso pela sua Regra; São Francisco, por não querer regra nenhuma, mas a espontaneidade da liberdade. Se São Bento prescreveu leituras e, muito cedo – a partir de Cassiodoro e seu mosteiro *Vivarium* – seus monges se dedicaram ao *scriptorium*: à cópia, ao estudo e ao ensino; Francisco prefere a vida à intelectualização. Sua com-paixão para com os pobres e doentes. O senso artístico-pastoral do concreto, que o leva a inventar o presépio. Seu amor à natureza e aos animais. Se o SJ Bento é o Padroeiro da Europa, São Francisco é o personagem mais querido do mundo, amado por cristãos e não cristãos, artífice da paz, padroeiro dos animais, da ecologia e de milhões de carinhosamente apelidados de Chico, Paco, Quico, Pancho, Ciccio, Fran, Cisco, Kiko etc. pelo mundo. Além de dar nome a dezenas de municípios pelo Brasil afora.

No confronto Francisco x Bento, este leva Ratzinger; aquele, Bergoglio. E o *Poverello* ganha de goleada no sem número de pessoas que o têm como santo onomástico. Daí que, para individualizar um determinado Chico o povo recorra a determinações adicionais, por origem – como na clássica “Chico Mineiro” (canção que em 1946 consagrou Tônico e Tinoco e, 50 anos depois, sucesso na voz de Sérgio Reis) – ou por outras características (Chico Vesgo, Chico da Rosinha, Chico Valentão etc.); ou ainda explicitando o sobrenome, como na narrativa de Caymmi na maravilhosa canção praieira “A jangada voltou só”, na qual é preciso dar o sobrenome do protagonista Francisco (pois, em qualquer aldeia, são muitos), mas não o do (raro) Bento:

A jangada saiu  
Com Chico Ferreira e Bento  
A jangada voltou só



Na mesma linha, a da necessidade de individualizar cada Francisco, Bento presta-se a esse fator de determinação secundária no famoso personagem de Maurício: Chico Bento.



Não é por acaso que quando o imaginário popular quer um religioso para romper as barreiras da burocracia e do legalismo, é na família franciscana que pensamos, como no caso de Frei Lourenço de *Romeu e Julieta* ou nos frades que ajudam o Zorro (ou no “franciscanizado” frei Tuck de Robin Hood).

Ou a oposição entre o nominalismo franciscano e a ortodoxia beneditina que se dá em *O Nome da Rosa*.

Na vida de Francisco encontramos um famosíssimo gesto impulsivo (típico de SP): para expressar seu desprendimento dos bens materiais, ficou nu em praça pública, afrontando as ameaças do pai, rico comerciante de tecidos. Algumas más línguas eclesiásticas (confidencialmente, é claro) admitem a hipótese de que o antigo emblema dos franciscanos, com dois braços em cruz, seria na verdade o gesto, em versão estilizada, “*dell’ombrello*” (dobrar o braço com a mão fechada, apoiada no cotovelo), que em Portugal, segundo Câmara Cascudo (2012, verb. “Dar Banana!”) se chama eufemisticamente: “apresentar as armas de São Francisco”! Essa teria sido a resposta gestual de Francisco à pergunta do pai sobre que destino dar – já que o filho não se interessava – a seus ricos tecidos... Não sabemos como realmente as coisas se passaram, mas o gesto não é simplesmente impensável para nosso SP (mesmo que santo). Naturalmente, os mais “devotos” sempre preferirão a interpretação pia:



<http://slideplayer.es/slide/1033678/>

Para finalizar esta parte, recordemos alguns pontos do livro clássico de Gilberto Freyre (1959), quase totalmente dedicado a expor a enorme contribuição (embora muito menos documentada do que a de outras ordens) da energia criadora dos franciscanos para a identidade brasileira:

- a presença franciscana na paisagem, na vida na cultura do Brasil inteiro é uma das constantes do modo brasileiro de ser (p. 15)

- o franciscano, aberto aos valores de outros povos e civilizações, opõe-se ao risco de confundir o cristianismo com a civilização europeia (pp. 19 e ss.). O franciscanismo, a difícil arte das relações de europeus com não europeus, fomenta a variedade de vozes dentro da unidade cristã. Variedade de vozes, de artes, de gostos, de danças, de alimentos, de estilos de arquitetura, contanto que sejam todos valores a serviço do Homem e, quando acrescentados às tradições europeias da Igreja, a serviço do cristianismo (p. 68).

- Essa abertura liga-se ao nominalismo, filosofia desenvolvida pelos franciscanos, que opõe o concreto ao abstrato, o especificamente regional ao abstratamente universal (pp. 71 e ss.).

- “admiramos no franciscanismo, além de sua eterna mocidade de espírito, seu caráter socialmente democrático (...), sua identificação antes com a gente simples que com a sofisticada, sua indiferença aos títulos e aos bens chamados do mundo, sua exaltação do que no homem é autêntico e do que na inteligência e no saber dos homens é genuíno” (p. 35). Etc.

## **5. O “jeito de ser” do Discípulo Amado na comunidade joanina – um tipo INFP**

O “discípulo amado” (em grego: ὁ ἐφίλει ὁ Ἰησοῦς - expressão utilizada cinco vezes no Evangelho de João) era o mais jovem membro da família do seu pai e também o mais jovem do grupo dos apóstolos.

Aproximou-se de Jesus com aproximadamente vinte e quatro anos. O traço mais forte de seu caráter era a confiabilidade; sempre disposto, era corajoso, fiel e devoto. Sua fraqueza era a vaidade. Homem de poucas palavras, exceto quando de ânimo exaltado. Esteve muito ligado a Pedro nas atividades iniciais do movimento cristão, tornando-se um dos principais sustentáculos da igreja de Jerusalém.<sup>6</sup>

O maior desejo de João era resolver os conflitos internos e externos das comunidades sob sua liderança. A comunidade joanina em geral era composta por pessoas com pensamentos de cunho gnóstico, antecipando o gnosticismo no segundo século, cuja influência marcou a história dos dois milênios do cristianismo. João tinha apreço por “retirar-se do mundo” com suas comunidades. Apoiava a visão de que a coisa boa é o conhecimento e a coisa ruim é o comer; o que se come é o conhecimento (Cap. 13.32-34...). Talvez por isso também trabalhou frequentemente com conceitos dualistas, como: baixo/alto, luz/trevas, dia/noite, o mundo do ser humano e o mundo de Deus, aquilo que se vê e aquilo que verdadeiramente existe etc.

Garcia afirma que, ao que tudo indica, o evangelho de João tem um forte elemento de “mortificação do corpo” e constante contraste entre materialidade e espiritualidade; que vários textos dificultam enxergar os ritos regulares da igreja primitiva.<sup>7</sup> De fato, a linguagem que João emprega, a constante linguagem figurada, simbólica, ou de duplo sentido, é uma das características mais marcantes de seu evangelho. É o espírito que dá a vida. A carne não vale nada (6.63). João usa a palavra espírito, por oposição a carne e sua interpretação é figurada, por oposição a inter-

---

<sup>6</sup> “Os doze apóstolos”. Disponível em: <http://www.urantia.org/pt/o-livro-de-urantia/documento-139-os-doze-apostolos> Acesso em: 04.05.2017.

<sup>7</sup> O Dr. Paulo Roberto Garcia, em aula do curso acima referido.

pretação literal: “*As palavras que vos falei são espírito e vida*”, têm sentido figurado profundo e vital.<sup>8</sup>

Parece seguro inferir, a partir do gênero literário do QE (Quarto Evangelho), que João sacrifica práticas como a comensalidade (ainda que a substitua pelo rito do lava-pés – que é uma prática de esvaziamento), para não perder a identidade de pertença. Abre mão daquilo que valoriza, e, para não se indispor com a comunidade, tolera. João deseja pertencer à comunidade e, mesmo que possivelmente não conhecesse as cartas paulinas, sua atitude revela ter adotado um interessante princípio paulino: “*Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns*” (1 Co 9.22).

Por outro lado, também podemos questionar se não foi o próprio Discípulo Amado, pelo seu “jeito de ser” (seu perfil psicológico) e pela forma de escrever que tenha levado a comunidade joanina a supervalorizar os aspectos puramente espirituais! Nascimento lembra que “*por trás desse Evangelho está uma comunidade que nasceu de modo simples, foi crescendo e adquirindo um jeito próprio de ser e de agir, profundo na sua reflexão e criativo na sua forma literária*” (2010, p. 22). Como grupos sempre gravitam em torno de um líder e nunca são completamente impessoais e acéfalos, suspeitamos que o Discípulo Amado influenciou profundamente o “*modus vivendi*” das comunidades que liderou.

Para essa releitura é preciso abandonar convicções pré-estabelecidas, talvez presas à leituras fixadas por grupos e líderes cristãos da igreja oficial a partir do segundo século. Este, a nosso ver, é um importante aspecto a ser levantado, pois a comunidade joanina era a menos institucional e a mais desestruturada do Novo Testamento – seguindo exatamente o perfil psicológico do seu líder. E talvez, precisamente por essa razão, a comunidade joanina tenha sido absorvida pela igreja oficial, cuja liderança era inspirada por Pedro, certamente não um “desorganizado” NF.

Mas então, qual é, segundo DK, o perfil do temperamento INFP?

No INFP encontramos idealismo, empatia e amorosidade. Indivíduos com esse perfil são pessoas compreensivas, discretas e sensíveis, capazes de identificar facilmente as necessidades dos outros. Graças ao seu talento em ajudar e “curar” os demais em suas dores e problemas, o INFP é chamado por DK de “*healer*”. As heranças deixadas nos escritos de João e, mais tarde, os diversos registros literários sobre João, permitem intuir que ele seria um tipo imaginativo nas suas comparações e simbolismos – recorde-se por exemplo o festival de símbolos do Apocalipse –, pensativo e introspectivo nas suas dissertações e pouco falante como discípulo. Sua autoridade não era imposta, mas se firmou por ser admirado.

O INFP vive intensamente em um rico mundo interior. Presta atenção a essências e sua atração natural está longe do mundo, voltado para a abstração e o ideal. A realidade é simplesmente um ponto de apoio para a imaginação aflorar. Daí a ênfase ao “*bem-aventurados os que não viram e creram*” (Jo 20.29). E tudo o que recolhe no capítulo 9 do QE sobre ver e não ver, cegos que vêem e pessoas que vêem mas são cegas, a que Pieper (2000) dedicou a magistral conferência “A experiência com a cegueira”:

---

<sup>8</sup> PRADO, José Luiz Gonzaga. A Eucaristia no IV Evangelho: significante e significado. In: [http://www.vidapastoral.com.br/artigos/sacramentos/a-eucaristia-no-iv-evangelho-significante-e-significado/#\\_ftn5](http://www.vidapastoral.com.br/artigos/sacramentos/a-eucaristia-no-iv-evangelho-significante-e-significado/#_ftn5) Acesso em: 01/05/17.

[No cap. 9 de João] se descreve uma experiência. Uma experiência que, aliás, não pode ser repetida por todo mundo. Mas, talvez, esse "todo mundo" reconheça que pode muito bem ocorrer uma repetição em qualquer época, de modo igual ou semelhante. Trata-se de uma experiência com a cegueira; um dos protagonistas é um homem cego. Ao final, ficará evidente que também um olho que vê pode ser cego. Aliás, esse tipo especial de cegueira é bem o tema de nossa história.

Os INFPs, super idealistas, estão sempre procurando o bem, mesmo nas piores pessoas e eventos, buscando caminhos para tornar tudo melhor. Porém, ainda que sejam introvertidos e aparentemente calmos, os INFPs vivem paixão intensa. Somam cerca de 4% da população, por isso o risco de serem incompreendidos é alto, mas quando encontram pessoas parecidas, a harmonia que sentem será grande fonte de alegria e inspiração. INFPs têm a capacidade de ver o bem em quase qualquer um ou qualquer coisa, por isso também são conhecidos como “mediadores” ou diplomáticos.

Os INFPs podem se perder na busca do bem e negligenciar a rotina (e a organização) que a vida demanda. Muitas vezes se perdem em pensamentos, gostando de contemplar o hipotético e o filosófico, mais do que qualquer outro tipo psicológico. Tendem a perder o contato, retirando-se como eremitas e têm dificuldade de voltar para o mundo real. Sonham em resolver todos os problemas do mundo.

Quando necessitam tomar decisões, de modo geral, os INFPs olharão para a honra, a beleza, a moralidade e a virtude – são guiados pela pureza de suas intenções e não por gratificações e punições. É interessante lembrar que João se orgulha do fato de ser “*o discípulo amado*”. INFPs sentem orgulho dessa qualidade (da pureza de suas intenções), porém, de modo geral, as pessoas ao seu redor não compreendem o motivo por trás desses sentimentos, o que pode levar os INFPs ao isolamento. Com relação a João, neste aspecto, basta observar que tinha forte inclinações místicas e havia sido discípulo de João Batista – um essênio.

Sentimentos de extrema profundidade podem permanecer escondidos por longo tempo nos INFPs, até que as circunstâncias evoquem uma resposta apaixonada. Não foi por acaso que João, juntamente com o discípulo Thiago, quando viu comprometida a reputação do Mestre que não foi recebido pelos samaritanos, pergunte: “*Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir*”? (Lc 9.54). Curiosamente esse episódio não é relatado no evangelho joanino.

Outra característica dos INFPs é que, embora também estejam inclinados a descrever o lado obscuro da vida, acreditam que o bem finalmente triunfa. Essas qualidades permitem que INFPs se comuniquem profundamente com os outros, falando com facilidade através de metáforas e parábolas, entendendo e criando símbolos para compartilhar suas ideias. A força dessa comunicação intuitiva é útil para trabalhos criativos, e não é surpresa que muitos INFPs sejam poetas, atores, escritores e mestres espirituais.

Vejamos alguns textos que evocam o perfil INFP no evangelho joanino.

É interessante notar que, embora na primeira divisão do livro (1.19 – 12.50) – que é dedicada ao que se convencionou chamar de “sinais” (semeïon) que descrevem situações concretas – João dê também a estes um sentido simbólico, revelando a forte perspectiva espiritual da obra inteira. A linguagem figurada, simbólica, ou de duplo

sentido, é uma das características mais marcantes do evangelho joanino, a ponto de Cullmann<sup>9</sup> tê-la como sua chave interpretativa.

Também é interessantíssimo perceber que, para deixar o leitor mais atento ao sentido figurado e espiritual das palavras de Jesus, o autor do QE usa um curioso artifício: Um personagem (ou um grupo) entende literalmente o que Jesus diz e faz uma pergunta tola, ridícula, interpretando suas palavras do modo mais grosseiro possível.

Três textos em particular chamam a atenção para isso:

1. No capítulo 3, Nicodemos pergunta se será preciso entrar outra vez no ventre da mãe para “nascer de novo”.
2. No capítulo 4, a mulher samaritana pede que Jesus lhe dê da água que vira fonte permanente para que ela não precise mais buscar água.
3. E no capítulo 6 são os judeus que fazem a pergunta tola: “Como é que este homem vai nos dar a sua carne para comer”?

Portanto, como dizíamos, também a primeira divisão do livro (conhecido como o “livro dos sinais” ou “dos milagres”) remete constantemente ao sentido simbólico e o estilo poético se encontra espalhado pelo livro inteiro. Vejamos:

1. As bodas de Caná (2.1-12) – a finalidade do cenário concreto tem o propósito figurado de “manifestar a glória de Jesus” (vs 11), ou, como no capítulo 4.23: “adorar em espírito e em verdade”.
2. A cura do filho de um oficial do rei (4.43-54) – João chama a atenção novamente para o que é mais importante: *o crer sem ver* – “se não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creais” (vs 48).
3. A cura do paralítico (5.1-47) – “Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também” (vs. 17)
4. A multiplicação dos pães (6.1-15) – “Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo”.(vs 14)
5. O caminhar sobre as águas (6.16-70) – “Sou eu, não temais”! (vs 20) – chama a atenção para o que aquela figura andando sobre as águas representa para eles.
6. A cura do cego de nascença (9.1-41) – “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (vs. 5)
7. A ressurreição de Lázaro (11.1-54) – “Não te disse eu que se creres verás a glória de Deus”? (vs. 40)

Na segunda divisão do livro, chamado de “o livro da glorificação”, a linguagem é total e explicitamente simbólica e enigmática o que, a nosso ver, retrata ainda melhor o “jeito de ser” do autor. E, à luz das três epístolas e do Apocalipse de João, arriscamos dizer que, na literatura joanina, a linguagem simbólica/metafórica é sua marca registrada, o espaço em que realmente se encontra à vontade. Alguns textos nos ajudam a perceber isso.

---

<sup>9</sup> CULLMANN, Oscar – Cristologia do Novo Testamento. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbncyZWdpc3Ryb2NpZW50aWZpY298Z3g6M2U4MDQlZGQ0MjM4MWNhNg> Acesso em: 05/05/2017.

1. Jesus lava os pés dos discípulos (13) – “...tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (vs. 1b); “Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos” (vs.10); “Para onde eu vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém me seguirás” (vs. 37).
2. Jesus conforta os discípulos (14) – “eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao pai senão por mim” (vs. 6).
3. A videira e o ramos (15) – “Eu sou a videira verdadeira e o meu pai é o agricultor... eu sou a videira, vós os ramos...” (vs.8);
4. A missão do Consolador (16) – “Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis; “Vim do pai e entrei no mundo; todavia deixo o mundo e vou para o pai” (vs. 28)
5. A oração sacerdotal (17) – “E a vida eterna é essa: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (vs.3); “...a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós” (vs. 21);
6. Jesus diante de Pilatos (18) – “Jesus respondeu: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus servos teriam lutado para eu não ser entregue aos judeus. Mas agora meu reino não é daqui” (vs. 36)
7. A morte de Jesus (19) – “Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito” (vs.21).
8. Jesus aparece novamente aos discípulos – (20) “Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram”! (vs. 29).

Parece que o *crer sem ver* era mesmo a grande ênfase na comunidade joanina. Para João – e, de modo geral, para a comunidade joanina – a ideia de um elemento superior a tudo o que era material e corpóreo, sempre esteve presente. Como sabemos, a comunidade joanina foi se configurando pela convivência com pessoas de origens culturais diversas e, conseqüentemente, de crenças também. Era composta de discípulos de João Batista, judeus, galileus, samaritanos, judeus helenistas e gregos. Isso suscitou muitas controvérsias e conflitos frequentes diante dos quais seu líder tinha que se posicionar. Como líder de perfil INFP, João consegue transitar bem nesse ambiente de grande diversidade cultural e religiosa. Sua psicologia pastoral reflete grande maleabilidade e tolerância. E, ainda que fosse seu desejo fazer a reunião/união dos diferentes pensamentos, é seu espírito conciliador e mediador que prevalece. A ausência da comensalidade na comunidade joanina pode ter esse pano de fundo, ou seja, que o seu líder, por ter um perfil psicológico conciliador, permitiu/tolerou que a comunidade se “alimentasse” apenas do conhecimento e estabelecesse o lava-pés e outros elementos identitários como ritos de pertença em substituição ao ato eucarístico.

Concluimos reiterando a limitação própria das análises tipológicas; especialmente no caso de João, um gigante do espírito que transcende qualquer enquadramento. De qualquer modo, a aplicação da teoria keirseana a um líder religioso como o Discípulo Amado, permite uma leitura – ao lado das demais apresentadas neste artigo – que ajuda a compreender (*verstehen*) o seu estilo pessoal.

## 6. Nota sobre dois grandes mestres da tradição chinesa

Se Bento é o “fundador” da Europa, o que dizer da incomensurável influência de Confúcio no Extremo Oriente?

Tal como Bento, Confúcio recebe também uma ordem do Céu, como ele mesmo diz na famosa passagem dos *Analectos* (II, 4). E vai em busca de resgatar a Tradição dos Antigos e codificá-la em suas edições. Confúcio marcará por milênios a educação oriental, pautada por ritos (tal como Bento com sua Regra). Ritos que, na mente do Mestre, longe de serem rituais vazios, são instâncias de *reverência* (Livro dos Ritos I, 1), da devida reverência. Na autorizada interpretação de Sproviero (1998):

A tradição extremo-oriental veiculada por Confúcio (551-479 a.C.) remonta a uma Antiguidade portadora de uma sabedoria divina, preservada e ao mesmo tempo corrompida nos tempos posteriores, e que a chamada escola confuciana cuidou, naqueles tempos de extremo caos político-social, de fixar e transmitir por sua vez à posteridade, e que por mais de dois milênios tem se constituído na unidade cultural do povo chinês.

Também no caso de Confúcio, espírito grandioso, a sabedoria supera a mera codificação e introduz a necessária flexibilidade, ponto que gostaria de ressaltar nesta Nota. Como se lê nos *Analectos*:

7.14 The Master heard the shao music when he was in Qi. For the next three months, he did not notice the taste of meat. He said, “I never imagined that music could be this beautiful.”

7.19 The Governor of She asked Zilu about Confucius, and Zilu gave no answer. The Master later said to Zilu, “Why didn’t you simply say that he is the sort of person who forgets to eat when pursuing a question, who forgets to worry when suffused with joy, and who does not note that old age is coming?”

11.26. Zilu, Zeng Xi, Ran You [Ran Qiu], and Gongxi Hua were seated in the Master’s company. The Master said, “Just because I am a little older than you are, don’t let that stop you [from speaking your mind]. You have often said, ‘No one understands me.’ If someone did understand you [and appreciate you], what would you do then?” Zilu quickly offered a response: “If I were to govern a state of a thousand chariots, one that was squeezed between two powerful states, worn out by unwanted warfare, and made even weaker by famine, I would be able, within three years, to give the people courage and let them know the right way to put their lives in order.” Confucius smiled at him. “And Qiu [Ran Qiu], what about you?” “If I were put in charge of a place measuring sixty or seventy li square, or even fifty to sixty li square, I would be able, within three years, to meet the people’s needs. As for the practice of rites and music, I will have to leave them to the gentlemen.” “What about you, Chi [Gongxi Hua]?” “I am not sure if I can do this well, but I am willing to learn. I would like to be a minor official, assuming the role of either an assistant in ritual affairs at the ancestral temple or a junior diplomat, dressed in a black robe and ceremonial cap, at a conference of the regional rulers.” “And you, Dian [Zeng Xi]?” Zeng Xi had been playing the zither. Now his playing was coming to the end. With the last note still vibrating in the wind, he put down his instrument, stood up, and said, “What I would like to do is different from what we have just heard from these three.” *Confucius said, “There is no harm in that. We are all telling each other what’s on*

*our mind.” Zeng Xi replied, “In late spring, when the spring clothes have just been made, with five or six young men or six or seven young boys, I would like to go bathing in the River Yi and enjoy the breeze at the rain prayer altar, and then come home singing.” Confucius sighed and said, “I am for Dian.”*

14.32 Weisheng Mu said to Confucius, “Qiu, why are you always hopping around? Could it be that you are practicing the glibness [of a persuader]?” Confucius said, “I would not dare to be glib [ning]. It is just that I worry about getting stuck in one place and with just a single point of view [gu].”

*E no Records of the Grand Historian de Sima Qian:*

Confucius got separated from his disciples. So he stood alone by the east gate of the city wall. A man of Zheng, who had seen him there, later remarked to Zigong, “There is a man by the east gate. He has the forehead of the sage ruler Yao, the neck of the supreme arbiter Gao Yao, the shoulders of the prime minister Zichan, and is just three inches shorter than the great emperor Yu from the waist down. Yet he looks confused and miserable, like a dog that has lost his way home.” Later, when Zigong found Confucius, he repeated exactly what this man had told him. Confucius smiled and said, “I can’t really accept what this man suggested about my shape and build. But what he said about me looking like a stray dog is true. I can’t argue with that.”

Se podemos aproximar Confúcio de Bento de Núrsia; outro grande sábio antigo chinês, Laozi, em alguns aspectos, coincide com Francisco de Assis; sua proposta de radical volta à vida em simplicidade da natureza, anti-intelectualismo “não ao estudo” (p. ex. Livro XX do Tao), e até a celebração de, no dizer de Francisco, “nossa casta irmã”, a água (Livro VIII do Tao):

## VIII

o bem supremo é como água

água...	apura as dez-mil-coisas sem disputa
	habita onde os homens abominam

por isso abeira-se ao curso

morar	bom é onde
coração	bom é profundidade
doar	bom é amor
falar	bom é sinceridade
governo	bom é ordem
serviço	bom é capacidade
movimento	bom é quando



eis que só sem disputa não há oposição

## XX

não ao estudo	e foi-se a inquietação
"sim" e "pois não"	quanto se distinguem?
bem e mal	como se distinguem?
o que os homens temem	não se pode não temer?
estéril! esse nem sim nem não	

([http://www.hottopos.com/tao/dao\\_de\\_jing01.htm](http://www.hottopos.com/tao/dao_de_jing01.htm))

## Referências

ALTMANN, Walter (ed.) *Rudolfo Bultmann: crer e compreender*. São Leopoldo: Editora Sinodal: 1986, Série Teologia Sistemática a-9, pp.223-229.

BENTO XVI “São Bento de Núrsia” . Audiência geral de 9 de Abril de 2008. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20080409.pdf](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409.pdf) Acesso em 16-5-2017.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil 2 ed Barueri SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 1988, 1993.

BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

CÂMARA CASCUDO *História de nossos gestos*. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Roberto C. G. *O intérprete do Logos: textos em homenagem a Jean Lauand*. São Paulo: ESDC, 2009. Disponível em: [www.jeanlauand.com/Interprete.pdf](http://www.jeanlauand.com/Interprete.pdf)

CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do Cristianismo – O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo, Edições Paulinas. 2004.

CULLMANN, O., *Der Johaneische Gebrauch doppeldeutiger Ausdrücke als Schlüssel zum Verständnis des vierten Evangeliums*: TZ 4 (1948) 360-372

FREYRE, Gilberto de Melo. *A Propósito de Frades*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

GARCIA, Paulo Roberto. “Isto é meu corpo - Rituais de alimentação e interação social no cristianismo primitivo”. **Revista Caminhando**. Universidade Metodista de São Paulo, 2007, v.12, n. 20.

GOLDSMITH, Malcolm. *Knowing me, knowing God*, Nashville: Abingdon Press, 1997.

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Por favor, Comprendéme*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990

KEIRSEY, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

LAUAND, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

LAUAND, Jean “Dois ilustres medievalistas”. **O Estado de S. Paulo**, 11 de março de 1988, p. 29.

LAUAND, Jean *Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão*. **Videtur**, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.

NASCIMENTO, Carlos Josué Costa. *Do conflito de Jesus com os judeus à revelação da verdade que liberta em João 8,31-59*. Tese Pós-graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. 2010.

PIEPER, Josef “A experiência com a cegueira”. **Videtur** N. 12, 2000. <http://www.hottopos.com.br/videtur12/cegueira.htm>

PRADO, Adélia *Poesia Reunida*. 2ª. ed. , Rio de Janeiro: Record, 2016.

SPROVIERO, Mario Bruno Confúcio e a Revelação Primitiva. **Mirandum** n. 5, maio-ago 1998 <http://www.hottopos.com/mirand5/mario.htm>

Recebido para publicação em 18-06-17; aceito em 20-07-17